

IP



Instituto
de Psicanálise
da Bahia

LAPSUS

PUBLICAÇÃO INSTITUTO DE PSICANÁLISE DA BAHIA
2011



BA

Editorial

Entre os anos de 1899 e 1900, Freud se interessou em formalizar a interpretação dos sonhos. Neste momento, nos pôs na pista de que o seu conteúdo é apresentado em duas linguagens diferentes, pois se trata de uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão, cujos caracteres e leis sintáticas são uma tarefa de descoberta a ser realizada pelo psicanalista. Foi, senão, a posteriori que ele pôde elaborar que as modificações do material dos sonhos ocorrem devido a mecanismos precisos de deslocamento e condensação.

Eis, então, que o ano de 2011 chega ao fim. Se com Freud aprendemos que é no só depois que se pode elaborar algo de um acontecimento primeiro, este é o momento de pensarmos como *Lapsus* se consolidou nestas 5 edições. Das formulações do inventor da psicanálise, nos resta agora uma pergunta: como se faz o *Lapsus*?

Este projeto é realizado por uma equipe formada por Júlia Solano, Ethel Poll, Anderson Viana, Rogério Barros e Wilker França, tendo ainda como consultores Bernardino Horne e Ricardo Cruz. Quinzenalmente, realizamos encontros para elaborar estratégias de captação de produções, seleção e revisão dos textos e organização da pauta da edição. Importa para nós que os núcleos de investigação do IPB possam ser representados por produções de algum dos seus participantes; que um cartelizante possa compartilhar algo do saber sobre sua experiência de atendimento no CPCT; que os colegas matriculados no Instituto, comprometidos com a formação do analista, venham se aventurar nos oferecendo seus textos.

Como expresso na edição 0 desse boletim, nosso objetivo é fazer circular os significantes que balizam a Teoria Psicanalítica. Norteamos nosso desejo - causado e compartilhado! - na premissa de que são nos S1(s) que ressoam em cada ser de fala que podemos configurar o que de mais singular transita neste nosso espaço: o Um que há de reverberar na escritura.

Lembramos, por fim, que em todo sonho há um umbigo para o qual nenhuma interpretação fará advir um dito que permita acessar A verdade. Sustentados nesta ideia, esperamos que o ano que se inicia continue a nos brindar com as mais diversas produções que, no Um a Um, tragam o interesse na escrita do impossível do dizer, dando corpo ao nosso boletim.

Tim-Tim.

Rogério Barros

Sumário

EDITORIAL	01
Rogério Barros	
TEXTOS	
Anotações do Seminário de Nieves Sória - 2º Parte	03
Célia Salles	
As condições necessárias à entrada em análise na clínica com crianças.	06
Laiz Rodrigues	
A Revolução Lacaniana	07
Notas sobre a Conferência de Pierre Skriabine	
Luiz Felipe Monteiro	
JANELAS DO LAPSUS	
Janela Informativa	09
Ethel Poll	
Janela Cultural	09
Julia Solano	
POESIA	
Traduzir-se	10
Ferreira Gullar	

Anotações do Seminário de Nieves Sória – ES Nem neurose, nem psicose? Como pensar clinicamente as novas configurações sintomáticas?

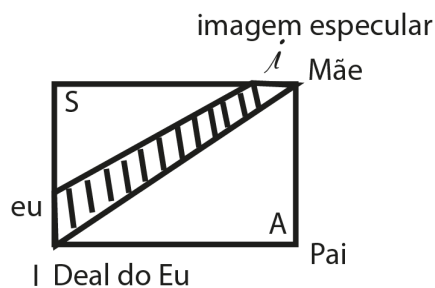
Célia Salles

2ª parte

Continuando sua conferência: “Nem Neuroses nem Psicoses”, Nieves vai trabalhar utilizando a topologia de superfície, se dedicando ao trabalho com o esquema R de Lacan, contemporâneo do Sem V, esquema da constituição do Eu, do corpo e da realidade, sobre a problemática da fronteira desde a perspectiva da estrutura, nos traz a perspectiva de uma estrutura neurótica aberta – neurose rudimentar, estrutura neurótica não-aberta, psicose não desencadeada, psicose desencadeada e estabilização.

Nieves, nesta segunda parte do Seminário, parte da questão: Como se constrói o corpo e o Eu?

Esquema R



Esquema R é o esquema da estrutura do fantasma, todo o esquema R é um cross-cap, um saco que se fecha com uma borda moebiana, a banda axuriada é a banda da realidade.



Estatuto do corpo na neurose

Sem. Livro X, esquema óptico a luz do objeto “a”, o saco é o vaso de flor do esquema óptico, por um lado é um corpo que tem exterior e interior, é a imagem que se vê, as flores o interior do corpo.

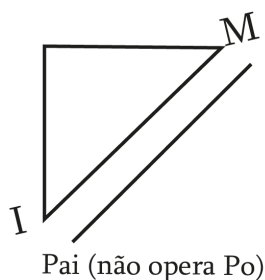
A estrutura do fantasma garante uma particular relação entre exterior e interior, o “a” não é do sujeito nem do Outro, é do sujeito e do Outro. A relação entre dentro e fora é moebiana.

A função paterna possibilita que o corpo se constitua e se constitua o Eu:

1. Estrutura neurótica aberta, passa pelos três tempos do Édipo.
2. Estrutura neurótica não aberta, neurose rudimentar, esboço de neurose, a estrutura não está desenvolvida, a neurose não desenvolve sua capacidade metafórica, há excesso de gozo nas bordas, o gozo não circula no interior do corpo, prevalência do gozo pulsional um plus, algo que não cessa e concentra no gozo nas bordas do corpo. O “a” é reificado e passa a ter propriedades inexistentes.

Detenção no primeiro tempo do Édipo

S/ como falo da mãe, o eu se constitui, o corpo se constitui, se constitui a imagem no espelho, o pai esta entre parênteses, a banda da realidade é moebiana porque está o NP simbólico no lugar do Outro.

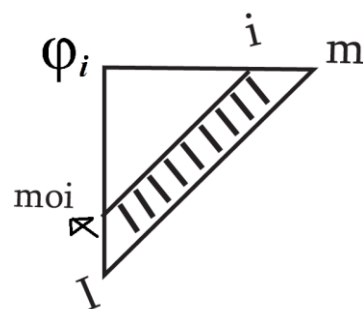


O Simbólico está comprimido, mas pode se descomprimir com a intervenção analítica.

1. Psicoses não desencadeadas:

Schreber até o desencadeamento tinha um corpo, tinha um Eu, constitui o campo da realidade - juiz, casado, etc.

Na psicose não desencadeada há corpo, há realidade, se produz a identificação imaginária, se constitui a imagem no espelho, se constitui o Ideal do Eu, se constitui o Eu.



Versão imaginária do falo, simulacro do falo.

Não opera o falo simbólico a banda não é moebiana, há corpo, mas o

corpo na psicose não desencadeada é um corpo saco.



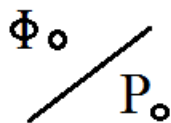
Borda simples

Schereber, antes de desencadear os nervos se centralizavam na zona genital, á partir de que Deus lhe chama como mulher, os nervos se dispersam a toda parte do corpo, empuxo a mulher que desarma o falo, o falo estava concentrado, no sanatório fenômenos de franja.

Φ_i

Permite entender o que Lacan no Seminário III toma de Helen Deutsh, o como si, mecanismo compensatório de Édipo ausente que permite ao S/ fazer como si fosse um homem ou uma mulher.

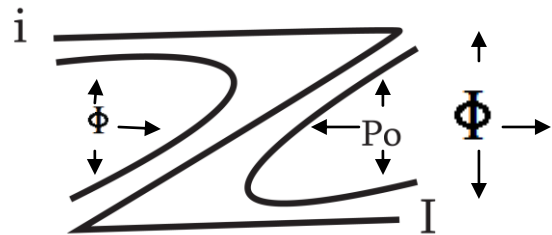
2. No desencadeamento:



Esquema zero

Buraco no Simbólico, buraco no Imaginário e queda do S/, forclusão do falo, o S/ fica sem corpo.

Esquema i da estabilização da psicose



Se arma uma nova realidade, ao redor do buraco se produz o trabalho do delírio, se estabelece o campo da realidade mediante a função de suplência, a imagem narcisista supre o falo faltante.

Não é uma banda Moebiana.

Uma realização assintótica, duas linhas que só se encontram no infinito, algo fica aberto no corpo, no gozo.



As condições necessárias à entrada em análise na clínica com crianças

Laiz Rodrigues

A primeira condição para a entrada de uma criança em análise é que haja sofrimento. Mas é preciso também que o sintoma que a criança apresenta divida o Outro parental, revelando a verdade que ela é para seus pais. E é fundamental que ele não seja incorporado à estrutura familiar para que o infante tenha a possibilidade de falar a um analista.

A demanda de análise para crianças é sempre de outrem, pois elas geralmente são trazidas pela família ou por instituições. Mas esta é apenas uma condição de possibilidade, insuficiente para sua permanência em análise. É preciso poder sustentar os efeitos do tratamento.

Para Lacan¹, a família é um lugar cultural, não natural, um lugar de cuidados e de uma transmissão fundamentalmente inconsciente dos elementos necessários para que haja sujeito: o saber, o gozo e o objeto. Um lugar de transmissão de um desejo não anônimo. Nesse sentido, uma análise de

criança só pode acontecer se o infante ocupa um lugar de objeto que evidencia a posição de gozo dos pais. Assim, o sintoma da criança “refere-se ao que ela soube alcançar, de seu lugar, na fantasia dos pais”.²

Geralmente a criança chega indissociada da família, mas o dispositivo analítico vai em direção à dissociação das posições. É preciso diferenciar a criança como sintoma dos pais, o sintoma que ela é, do sintoma que ela constitui sob transferência. Passar de objeto de gozo dos pais à condição de sujeito que goza de seu próprio sintoma.

É fundamental escutar os pais em sua angústia, mas é primordial escutar o lugar de onde eles falam, o que a criança representa para eles. Munido desse saber, o analista deve evitar vestir-se desse Outro na transferência, ao preço de sufocar as possibilidades inventivas da criança.

É tarefa do analista transformar a demanda dos pais em uma queixa da

¹ Lacan, Jacques. Nota sobre a criança (1969) in Outros Escritos/Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

² Brousse, Marie-Hélène. Carrossel entrevista Marie-Hélène Brousse in Revista Carrossel – Centro de Estudos e Pesquisa de Psicanálise e Criança. Ano I – n 1. Outubro de 1997 (pg. 9).

própria criança, fazê-la constituir um sintoma do qual se queixe para depois transformar o sintoma queixa em sintoma analítico através de um desejo de saber.

Tomar a palavra possibilita à criança deixar a condição de objeto de gozo, sair de um lugar em que é falada para um lugar de fala própria. O desejo do analista se coloca em oposição a tomar o ser falante como objeto. A possibilidade de falar a um analista

divide o sujeito, fazendo-o se interrogar sobre o que o divide, supondo um saber ao seu analista.

Desse modo, o final de análise para uma criança seria seu acesso, como sujeito, ao semblante. A análise instalaria as condições ulteriores para a acolhida de uma posição sexuada, posteriormente defrontada com o ato, o gozo e o encontro com o parceiro. Tudo isso se faz contrário a uma posição educativa.

A Revolução Lacaniana Notas sobre a Conferência de Pierre Skriabine

Luiz Felipe Monteiro

"A experiência cotidiana é muito diferente da experiência analítica". Com essa frase, Pierre Skriabine destaca uma impressão comum entre aqueles que exploram o terreno teórico clínico da psicanálise. Sua primeira conferência na Jornada da EBP-BA e IPB-BA, realizada em 20.10.2011 (A Revolução Lacaniana: a estrutura topológica da experiência humana), pode ser lida como um modo de tirar consequências dessa afirmação inicial, especialmente quando falou a respeito da diferença entre o espaço euclidiano (tal qual nós experimentamos no cotidiano) e o

espaço a-esférico (próprio da experiência analítica).

Não é por se tratar de experiências diferentes que Skriabine não se furta em utilizar um objeto tão cotidiano como uma folha de papel para mostrar a incidência da divisão do sujeito pelo significante e o furo que estrutura a topologia a-esférica da experiência analítica.

Com uma simples folha de papel suspensa no espaço, a depender da posição desde qual se incide o olhar, vemos duas coisas diferentes (a folha pode ser vista de cima para baixo ou de

baixo para cima apenas com uma mudança na forma de incidir o olhar) - a folha é equívoca. "Isto coloca o sujeito diante de uma escolha? Dois modos de incidir o olhar no espaço. Isso vai longe..." (SIC). Ao fazer uma dobra no meio da folha de papel, as duas miradas se fazem presentes ao mesmo tempo. Skriabine diz: "A função do sujeito e exatamente isso, faz a dobra. Para o ser falante, a causa do sujeito é a sua dobra - a divisão do sujeito".

Com uma dobra no meio da folha, basta estender as duas pontas do papel até que se encontrem para termos nas mãos uma fita de Moebius. De acréscimo, nos deparamos com um buraco no meio do espaço - uma falha do universo. Trata-se de um espaço não-euclidiano (esférico por excelência), pois não se estrutura em torno das referências (direito, esquerdo, em cima, em baixo). Com a fita de Moebius na mão, temos um dentro e um fora ao mesmo tempo e no mesmo espaço; e ambos se estruturam em torno de um buraco - é o espaço a-esférico.

"O campo da psicanálise é a-esférico, pois há um furo na linguagem [...] O nome que Lacan dá é A barrado. A topologia de Lacan é fundada a partir da não existência do Outro. Isso nos dá uma estrutura" (SIC). Skriabine

arremata: "a estrutura, a topologia é a organização do buraco - é o modo como se encontra organizado o funcionamento psíquico do sujeito".

Discernir do que se trata a topologia a-esférica na experiência analítica tem consequências para o analista e é disso que trata Skriabine quando afirma: "O psicanalista tem que saber pensar a-esfericamente. Isso é uma exigência ética. É preciso ir a fundo nisso. Mas somente desse modo, há uma chance de se colar nessa estrutura. Isso é a revolução lacaniana. Se não passamos desta etapa, falamos basbaquice da psicanálise. Lacan nos dá uma estrutura operatória porque é o real mesmo da experiência humana. É um esforço para pensar a estrutura prescindindo do Outro".

Skriabine encerra sua intervenção ao trazer vinhetas de sua análise com Jacques Lacan. A surpresa com certos atos colocaram em relevo um modo de condução do tratamento onde o dentro e fora do consultório era subvertido - incidência de uma subversão de outra ordem, a subversão do sujeito dividido entre gozo e significante em torno do furo do universo.

Janela Informativa

Ethel Poll

Reunião do CPCT

Onde: Sede EBP-IPB

Quando: 17 de março 2012

Horário: 09:00 h

VIII Congresso da AMP

A ordem simbólica do século XXI.

**Não é mais o que era. Que
conseqüências para a cura?**

Quando: 23 a 27 de abril 2012

Onde: Buenos Aires - Argentina

XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano

**Mulheres de hoje: figuras do
feminino no discurso analítico**

Quando: 24 e 25 de novembro 2012

Onde: Salvador / BA

Janela Cultural

Julia Solano

Está em cartaz o novo filme do consagrado diretor espanhol Pedro Almodóvar. A obra é intitulada de A Pele que Habito (La Piel que Habito) e conta a história do cirurgião plástico Richard Legrand, vivido pelo ator Antonio Banderas, que após a trágica morte de sua esposa (tem grande parte do corpo queimado em acidente), empenha-se em pesquisar sobre a possível fabricação em laboratório da “pele perfeita”, que poderia tê-la salvado. Sem limites em sua insaciável

busca, Richard é capaz de tudo para tentar reescrever a história e evitar o inevitável.

Nesta trama, o diretor se utiliza de referências do cinema clássico de terror para introduzir uma complexa discussão sobre os limites da ciência na contemporaneidade.

Freud em 1930 defende a idéia de que a vida em sociedade produz um mal estar, na medida em que existe um antagonismo intransponível entre as exigências da pulsão e da civilização.

Isto significa dizer que para viver em sociedade, o homem precisa renunciar a satisfação pulsional e o que advém desta renúncia é o mal estar.



A ciência na atualidade promete curar este mal-estar inerente à condição humana. Prova disso é o crescente consumo de psicofármacos, o aumento de cirurgias plásticas com finalidades puramente estéticas, entre outros. Através de tais procedimentos vende-se a idéia de que é possível alcançar a felicidade ao consumi-los. Mas quais são os limites e efeitos disto?

Deixo o questionamento em aberto e convido a todos para pensarem sobre o assunto a partir do brilhante e complexo olhar de Almodóvar.

Poesia

Traduzir-se

Ferreira Gullar

Uma parte de mim
é todo mundo:
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão:
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera:
outra parte
delira.

Uma parte de mim
é permanente:
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem:
outra parte,
linguagem.

Traduzir-se uma parte
na outra parte
- que é uma questão
de vida ou morte -
será arte?

Convidamos os participantes do IPB-BA a compartilharem com LAPSUS suas idéias,
seus temas de investigação e interesse.

Submissão de Trabalhos:

- O texto deverá vir com título, nome do autor e devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte, Times New Roman, tamanho 12 e o espaçamento entre linhas 1,5.

As produções deverão ser enviadas para o e-mail lapsusibp@gmail.com

Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

EQUIPE LAPSUS

Anderson Viana, Ethel Poll, Júlia Solano Rogério Barros e Wilker França

Consultores: Bernardino Horne e Ricardo Cruz

Contato: e-mail: lapsusibp@gmail.com